



O QUE DIZEM PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO SOBRE O USO DO CELULAR EM ESCOLAS DE PARAIBANO, MARANHÃO?

WHAT DO HIGH SCHOOL TEACHERS SAY ABOUT CELL PHONE USE IN SCHOOLS IN PARAIBANO, MARANHÃO?

DOI: 10.5281/zenodo.19868339



*Eliane Matos Oliveira*¹
*Francisca Josilene de Sousa Assunção*²
*Gleiciane da Silva Nascimento*³
*Gustavo Barbosa Vieira Cruz*⁴
*Jackson Ronie Sá da Silva*⁵
*Jéssica Rodrigues dos Santos*⁶
*João Alberto Coelho de Sousa Neto*⁷
*Maria Francisca da Silva Glória de Souza*⁸
*Rainara de Sousa Resende*⁹
*Annanda Crystina Chagas Santos*¹⁰

RESUMO

O uso de aparelhos celulares e outros equipamentos eletrônicos portáteis individuais em escolas é uma temática complexa e vem sendo problematizada em todo o território nacional. Trata-se de um

-
- 1 E-mail: elianematos17@outlook.com
2 E-mail: josilenesousa285@gmail.com
3 E-mail: ivoneidemartins85@gmail.com
4 E-mail: gustavofacam@gmail.com
5 E-mail: prof.jacksonronie.uema@gmail.com
6 E-mail: jessikarodrigueztst@gmail.com
7 E-mail: josealbertocoelho13@gmail.com
8 E-mail: gellymaria749@gmail.com
9 E-mail: rainararesendesrainara@gmail.com
10 E-mail: annandasantos16@hotmail.com

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.4 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





conteúdo de perspectiva educacional discutido entre estudantes, professores, famílias e comunidade em geral. O artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa educacional sobre as percepções de quatro professores do ensino médio sobre o uso do celular em uma escola do município de Paraibano, Maranhão, Brasil. A partir de entrevistas semiestruturadas foram expressas ideias, visões, discursos e práticas escolares acerca do celular. A análise do conteúdo das entrevistas gerou quatro categorias: 1. “Sou contra o uso do celular”; 2. “Não à proibição ao uso do celular”; 3. “Relação com os alunos quando se proíbe o uso do celular”; e 4. Potenciais pedagógicos do uso do celular nas aulas”. A pesquisa revelou diferentes percepções em relação ao uso do celular em sala de aula, refletindo tanto o potencial pedagógico quanto os desafios enfrentados na escola. Para os professores: o celular configura-se como um recurso viável para o ensino, desde que utilizado com cautela e orientação didática; existe a percepção da falta de responsabilidade dos alunos e consequentemente prejuízos à aprendizagem. Quando há uso pedagógico do celular, ele pode conferir utilidade como recurso didático e aproximar os conteúdos da realidade sociocultural digital dos alunos. Porém, os docentes reconhecem que falta formação específica para o uso didático-metodológico do aparelho. A investigação apresentada neste artigo produzirá outros questionamentos e releituras baseadas na cientificidade do campo da Educação de como professoras e professores da Educação Básica devam olhar o celular e seu uso no espaço escolar e também fora dele.

Palavras-chave: aparelho celular; escola; professores

ABSTRACT

The use of cell phones and other portable individual electronic devices in schools is a complex issue that has been problematized throughout the country. It is an educational topic discussed among students, teachers, families, and the community in general. This article presents the results of a qualitative educational research study on the perceptions of four high school teachers regarding cell phone use in a school in the municipality of Paraibano, Maranhão, Brazil. Based on semi-structured interviews, ideas, views, discourses, and school practices concerning cell phones were expressed. The content analysis of the interviews generated four categories: 1. “I am against the use of cell phones”; 2. “No to the prohibition of cell phone use”; 3. “Relationship with students when cell phone use is prohibited”; 4. “Pedagogical Potential of Cell Phone Use in the Classroom.” The research revealed different perceptions regarding cell phone use in the classroom, reflecting both its pedagogical potential and the challenges faced in schools. For teachers: cell phones are a viable teaching resource, provided they are used cautiously and with didactic guidance; however, there is a perception of a lack of student responsibility and, consequently, harm to learning. When cell phones are used pedagogically, they can be useful as a teaching resource and bring content closer to the students' digital sociocultural reality. However, teachers recognize a lack of specific training for the didactic-methodological use of the device. The investigation presented in this article will generate further questions and reinterpretations based on the scientific rigor of the field of Education regarding how teachers in Basic Education should view cell phones and their use both within and outside the school environment.

Keywords: cell phone; school; teachers





INTRODUÇÃO

O uso de aparelhos celulares e outros equipamentos eletrônicos portáteis individuais em escolas é uma temática complexa e vem sendo problematizada em todo o território nacional. Trata-se de um conteúdo de perspectiva educacional que vem sendo discutido entre estudantes, professores, famílias e comunidade em geral. Em 2025, a lei federal nº 15.100 foi sancionada e dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da Educação Básica no Brasil.

O celular é um artefato cultural que traduz a complexidade de vivermos numa sociedade pós-moderna, tecnológica e virtualizada em que o universo *on line* tomou conta de todos os espaços sociais: trabalho, lazer, interações familiares, escola, universidade, templos religiosos, hospitais, academias de ginástica, ruas, etc. Além disso, o uso intenso, contínuo e desregrado tem levado as pessoas a estados de ansiedade, angústia e depressão fazendo com que a Organização Mundial de Saúde (OMS) informe ao mundo o surgimento de uma epidemia do uso de celular e a produção cultural de uma patologia psiquiátrica que foi denominada de *nomofobia* (medo de ficar sem celular).

Diante da complexidade da temática e entendendo que a discussão científica, problematizadora e ética deve estar presente na formação de professores e professoras da Educação Básica assim como nos planejamentos das escolas em nível nacional, estadual e municipal, realizamos esta investigação educacional qualitativa objetivando conhecer as percepções (ideais, visões, discursos, representações, opiniões) de quatro professores do ensino médio de uma escola pública do município de Paraibano, Maranhão, Brasil sobre o uso do aparelho celular no ambiente escolar.

Acreditamos que a pesquisa desenvolvida e apresentada neste artigo produzirá outros questionamentos, inúmeras problematizações e releituras baseadas na cientificidade do campo da Educação de como professoras e professores da Educação Básica devam olhar o celular e seu uso no espaço escolar e também fora dele.





METODOLOGIA

A pesquisa configurou-se como de abordagem qualitativa e compreensiva. Realizamos entrevistas semi-estruturadas com o auxílio de um aplicativo de gravador de áudio de um aparelho *smartfone* tendo como guia investigativo um roteiro de entrevista centralizando os seguintes tópicos da investigação: percepções sobre o uso do celular em sala de aula; percepções sobre a proibição do celular na escola; estratégias didáticas usadas pelos professores tendo como recurso o celular; e percepções sobre a relação com os alunos ao proibir o uso do celular na sala de aula.

Os quatro professores entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) autorizando a investigação que foi gravada em um tempo mediano de trinta minutos. Os referidos docentes ministram componentes curriculares do ensino médio em uma escola pública do município de Paraibano, estado do Maranhão, Brasil.

Entrevistamos uma professora de Sociologia (P1), uma professora de Inglês (P2), uma professora de Matemática (P3) e um professor de Química (P4). O uso das simbologias P1, P2, P3 e P4 são formas éticas de resguardar a identidade das professoras e do professor que participaram da pesquisa.

A entrevista, como suporte metodológico de apreensão da subjetividade do sujeito, busca apreender os ditos sobre a temática a partir de seus relatos, suas experiências narradas e percepções que são construídas ao longo da ação investigativa. Cada entrevista expressa uma maneira particular de perceber, vivenciar e interpretar a realidade vivida, o tempo histórico e o contexto social em que o sujeito está inserido (Batista; Matos; Nascimento, 2017).

Esse procedimento caracteriza-se como uma forma de interação social mediada por um diálogo assimétrico, em que o pesquisador conduz a coleta das informações e o participante assume o papel de fonte primária de dados. A linguagem, compreendida como símbolo central das relações humanas, torna-se o meio pelo qual os sujeitos constroem sentidos e atribuem significados à realidade, reforçando a relevância da entrevista para as pesquisas





qualitativas (Gil, 2008).

As entrevistas gravadas passaram pelo procedimento qualitativo de transcrição dos áudios, leitura flutuante, leitura em profundidade e categorização dos dados tendo como guia teórico-metodológico as orientações de Sá-Silva, Almeida e Guindani (2022), Minayo (2014) e Bardin (2016).

A análise dos dados foi conduzida por meio da técnica teórico-metodológica denominada *Análise de Conteúdo*, conforme proposta por Bardin (2016), que a define como um conjunto de técnicas sistemáticas voltadas à interpretação de entrevistas, permitindo descrever, categorizar e inferir significados. Para cumprir esse processo metodológico, foram seguidas as três etapas: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, além das inferências e interpretações que emergem do corpus analisado. Na fase de pré-análise, procedeu-se à organização do material empírico, formado pelas entrevistas com os quatro professores. Esse momento envolveu a leitura flutuante das transcrições, a escolha das categorias de análise e a formulação das hipóteses e a definição dos objetivos analíticos.

A etapa seguinte concentrou-se na exploração do material, fase em que se realizou o processo de codificação, categorização e agrupamento das unidades de sentido. As percepções dos quatro professores foram decompostas em trechos significativos que, posteriormente, foram reunidos em categorias temáticas que expressam os discursos docentes sobre o uso do celular na escola, suas dificuldades e estratégias de ensino. Esse movimento possibilitou identificar padrões discursivos, divergências, convergências e nuances presentes nos discursos dos quatro professores. Em seguida, passou-se ao tratamento dos resultados, etapa que envolve a inferência e interpretação dos dados. A partir das categorias construídas, analisaram-se os sentidos atribuídos pelos professores acerca do uso do celular na escola.

Por fim, as percepções dos quatro professores foram organizadas e apresentadas seguindo uma ordem lógica e sequencial de análise, permitindo compreender de forma aprofundada como esses profissionais percebem e vivenciam o tema complexo do uso do celular na escola. As interpretações obtidas ao longo da análise constituíram a base para as





inferências da investigação. Esse processo revelou lacunas, necessidades e possibilidades de intervenção didática presentes no cotidiano escolar acerca do uso do celular no ambiente escolar.

De acordo com a teoria da Análise de Conteúdo de Bardin (2016) foram construídas as seguintes categorias: *“Sou contra o uso do celular nas aulas”*, *“Não à proibição do uso do celular”*, *“Relação com os alunos quando você proíbe o uso do celular”* e *“Potenciais pedagógicos do uso do celular nas aulas”*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa sobre as percepções de quatro professores do Ensino Médio do município maranhense de Paraibano, numa perspectiva geral, revelou diferentes concepções em relação ao uso do celular em sala de aula, refletindo tanto o potencial pedagógico quanto os desafios enfrentados na escola devido a manipulação inadequada, exagerada e sem controle do aparelho. Outras percepções dos professores entrevistados ficaram evidentes: o celular como recurso viável para o ensino, desde que utilizado com cautela e orientação didática; existe a percepção da falta de responsabilidade dos alunos e os prejuízos à aprendizagem; o celular não deve ser proibido, mas precisa haver momento adequado para seu uso. Essas respostas demonstram que, quando há uso pedagógico do celular, ele pode conferir utilidade como recurso didático e aproximar os conteúdos da realidade digital dos alunos. Porém, os docentes reconhecem que falta formação específica para o uso didático-metodológico do aparelho. Passamos agora a apresentar os resultados da investigação tendo como centralidade a exposição das quatro categorias de análise construídas e a teorização utilizada na argumentação e problematização das falas dos quatro professores participantes da pesquisa.





Sou contra o uso do celular nas aulas

Duas professoras entrevistadas expressaram que não são a favor do uso do celular na escola e, conseqüentemente, nas aulas. Nos discursos percebemos suas visões sobre as práticas dos estudantes no cotidiano da escola quando o assunto se materializa na manipulação de celulares na sala, no pátio, nos corredores, no refeitório e em outros ambientes da estrutura escolar. Para elas, alunos e alunas não têm responsabilidade. Devido ao uso descontrolado, abusivo e sem critérios a aprendizagem, o ensino e os indicadores de uma educação de qualidade têm se expressado de forma negativa, ou como elas dizem, “têm caído”. As professoras são categóricas em dizer que a proibição é pertinente e necessária. Vejamos as percepções das Professoras 2 e 3:

“Sou totalmente contra o uso do celular em sala de aula. Sou a favor da lei aplicada 100 %” (Professora 3).

“Acho importante, vendo que dentro da sala de aula eles não têm responsabilidade, se tivesse tudo bem, mas foi pertinente sim a proibição” (Professora 2).

“Nos últimos anos a educação vem caindo cada dia mais, então essa lei veio para melhorar a educação do país” (Professora 3).

“O uso não é tão importante, atrapalha muito os alunos porque eles não têm responsabilidade ao usar, então eu sou contra o uso de celular em sala de aula” (Professora 2).

Algumas questões se apresentam e precisamos refletir sobre elas, a partir das percepções expressadas pelas Professoras 2 e 3: Proibir o uso do celular a partir de uma perspectiva totalizante e punitiva ajudaria?; O que se entende por “responsabilidade”?; Seria mesmo o uso do celular na escola irrelevante?; E o uso do aparelho celular como um recurso didático, não contaria no processo de ensino e aprendizagem? As reflexões que expomos precisam entrar no rol das problematizações educacionais visto que o celular é uma tecnologia que consideramos importante para as múltiplas aprendizagens.

A tecnologia expandiu a comunicação no mundo. Houve um aumento significativo de



dispositivos de comunicação, que já se integraram ao cotidiano dos sujeitos, seja no ambiente familiar ou nos espaços escolares (Uchôa, 2023).

Os aparelhos celulares se tornaram populares e proibi-los de forma abrupta da rotina escolar se mostra algo delicado, uma vez que os alunos já estão habituados ao uso em diferentes perspectivas e contextos de suas vidas, pública ou privada (Albuquerque, et al., 2024). Assim, não considerar as mudanças em um mundo que tem um foco cada vez maior na tecnologia é algo impensável (Lopes e Pimenta, 2017).

Pesquisas recentes apontam que o uso moderado e orientado de dispositivos móveis pode favorecer a autonomia dos estudantes, incentivando-os a buscar informações, registrar atividades e desenvolver habilidades digitais consideradas essenciais na sociedade considerada tecnológica e mecatrônica (Silva e Moura, 2021). Mas, essa perspectiva solicita da escola que estabeleça critérios claros sobre quando e como esses aparelhos podem ser utilizados, evitando que se tornem elementos de dispersão. Assim, uma das principais ações docentes é realizar as mediações didático-pedagógicas que envolvem o recurso didático, passando assim a orientar o uso responsável da tecnologia em sala de aula.

Há um crescente reconhecimento de que a alfabetização digital não deve abranger apenas os alunos, mas também professores e as famílias, que muitas vezes desconhecem práticas pedagógicas envolvendo tecnologia (Ribeiro e Santos, 2020). Compreender como os professores percebem o uso dos celulares na escola torna-se fundamental para compreender expectativas e fortalecer as relações entre os sujeitos da educação: professores, alunos, gestores e também pais, mães e outros responsáveis legais.

O debate sobre o uso de celulares e outros dispositivos eletrônicos vem sendo pauta de especialistas em educação em diversos países, diante do acesso cada vez mais intensificado por parte dos alunos (Albuquerque et al., 2024).

Existe uma percepção docente que deve ser considerada e analisada com cuidado pedagógico: professores e professoras da Educação Básica expressam a preocupação de que nem sempre os alunos usam os aparelhos para assuntos ligados à aula, e sim em redes sociais e jogos (Brizola et al., 2024).





Não à proibição do uso do celular

As percepções sobre as restrições totais ao uso do celular no ambiente escolar não foram compartilhadas em sua totalidade pelas professoras e professor entrevistados. Um dado importante a ressaltar é que mesmo naqueles discursos que expressam o “ser contra” o uso do celular existem elementos de contradição, como no caso da Professora 3, que pondera: “*Os pais que controlem o celular dos filhos em casa porque se eles não conseguirem, os professores jamais vão conseguir controlar na escola*” (Professora 3). Assim, fica evidente na fala da referida professora que o tema é complexo e não pode ser discutido à luz de um pensamento polarizado que cria as representações sociais de “sou contra” e “sou a favor”. Precisamos compreender que a categoria “proibição” necessita ser avaliada, problematizada e relativizada.

O que significa proibir? O ato de proibir a manipulação e uso do celular no ambiente escolar gera consciência crítica? Não seria interessante discutirmos com alunos, alunas, professores, professoras, pais e mães, gestores e demais profissionais da escola sobre os sentidos do proibir?

A Professora 4 expressa sua percepção acerca da proibição do uso do celular na escola da seguinte forma: “*Eu acho que o uso do celular não deve ser proibido. Ele tem a hora certa de ser usado*”. O que ela quer nos dizer? Vamos analisar? Ter “a hora certa de ser usado” remete às ideias de planejamento, informação, diálogo, organização e mediação, por exemplo. Entendemos ser importante transformar a percepção sobre “proibir”. O ato de proibir remete às seguintes representações: autoritarismo, punição, restrição, sofrimento, desvalorização, etc.

A partir desta problematização e ponderando que o tema é complexo, acreditamos que dialogar sobre esse universo representacional acerca do uso e do não uso é coerente e necessário até porque o celular, como um recurso tecnológico educacional caracteriza-se como uma “ferramenta”, como sabidamente expressou o Professor 1: “*Eu não sou a favor da proibição total do uso do celular, vejo ele como uma ferramenta que não deve ser proibida, mas que deve ter orientação de uso correto na escola, como deve ser usado no momento da*





aula” (Professor 1).

Orientar sobre o uso do celular na sala de aula faz parte da prática docente. Esclarecer acerca das compatibilidades e incompatibilidades desse aparelho eletrônico no cotidiano educacional é função da escola. Gestores, professores, orientadores educacionais, supervisores, técnicos educacionais e outros profissionais implicados no labor escolar necessitam compreender a legislação federal vigente sobre o uso de equipamentos eletrônicos portáteis, dentre eles o celular. Ler a lei e interpretá-la. Compreender a legislação e realizar a transposição didática tornando-a inteligível, acessível e palatável na comunidade escolar, ou seja, divulgar a lei descaracterizando-a do imaginário da “proibição” como ideia negativa, assustadora e repressiva.

O uso irrestrito de celulares na escola pode gerar consideráveis conflitos e originar desafios a serem superados pela gestão, corpo pedagógico e, principalmente, professores. A dependência tecnológica e as distrações decorrentes de notificações constantes, redes sociais e jogos podem comprometer a atenção e o desempenho da aprendizagem na escola da Educação Básica.

Importante pontuar que outras questões emergem, relacionadas à etiqueta digital e à convivência social, uma vez que práticas inadequadas de uso do celular podem prejudicar a dinâmica escolar e o cumprimento das normas institucionais. Considerando que a escola se insere em um contexto sociocultural e técnico-pedagógico complexo, torna-se imprescindível problematizar tais questões. De acordo com o documento federal da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018), a competência geral nº 5 - Cultura Digital - pressupõe o uso crítico, ético e responsável das tecnologias, destacando a importância do protagonismo discente na mediação desses recursos. Assim, o debate sobre o uso de celulares na escola ultrapassa a dicotomia entre proibição e permissão, envolvendo a formação de cidadãos críticos e conscientes em uma sociedade hiperconectada.





Relação com os alunos quando se proíbe o uso do celular

A relação interpessoal entre alunos e professores torna-se complexa e desafiadora quando o tema é o uso (e a proibição) do celular em sala de aula. A interação muda, fica diferente, gera mal-estar. Unanimemente essa foi a percepção dos quatro professores entrevistados. Para os professores a proibição gera desgaste, incomoda e distancia os alunos, afasta a gestão dos alunos, cria conflitos que podem interferir no processo ensino-aprendizagem. As percepções das Professoras 2 e 3 e do Professor 4 materializam essas percepções:

“Eles não gostam, se chateiam, mas não debatem, entregam, guardam, mas eles nunca gostam” (Professora 2).

“Péssima, pois eles já estão viciados e não querem se desfazer do celular e consequentemente do seu uso” (Professora 3).

“Varia de acordo com a turma, alguns são mais difíceis de controlar, preciso ser rígida, já outros não usam sempre e atendem quando peço para guardarem o celular” (Professor 4).

Mas, não proibir e explicar porque o não uso, fazendo a mediação e a problematização, tendo como centralidade o diálogo e a reflexão pode ser uma política de gestão de sala de aula que gerará empatia, aproximações e tranquilidade. Vejamos o relato do Professor 1: *“Como eu não proíbo o uso do celular, eu sou um professor que converso, oriento e explico. Eu não tenho problema nessa questão” (Professor 1).*

O uso das tecnologias digitais proporciona novas perspectivas pedagógicas e projeta desafios significativos no ambiente escolar. Dentre os aspectos negativos, leva-se em consideração a dispersão dos alunos durante as aulas devido, dentre outros motivos, ao alto fluxo de informações nos mais variados aplicativos, o acesso aos conteúdos inadequados e, em decorrência dos fatores antes mencionados, dificuldade em manter concentração nas aulas. O uso constante de redes sociais e plataformas digitais pode comprometer a interação social, o desempenho acadêmico e a saúde mental dos estudantes, refletindo negativamente em seu





bem-estar e desenvolvimento (Ministério Público do Estado do Ceará, 2025).

A proibição abrupta e violenta do celular na escola pode gerar consequências negativas, como o aumento da ansiedade e da dependência tecnológica entre os alunos. Alunos acostumados ao uso constante do celular podem apresentar sinais de nomofobia (medo de ficar sem celular) (Abreu e Karam, 2019).

Quando essa restrição é imposta sem mediação pedagógica, pode intensificar o sofrimento psíquico dos alunos. Além disso, o celular funciona como uma ferramenta essencial de comunicação para muitos jovens, permitindo a interação com colegas e familiares. Silva *et al.* (2020) conseguiram constatar, em pesquisa realizada em escolas públicas do estado do Rio de Janeiro, Brasil, que alunos submetidos a regras muito rígidas de restrição e controle exacerbado relataram sentimentos de medo, sofrimento intenso e exclusão, especialmente os alunos que dependiam das redes sociais como principal meio de contato social e interação mais íntima com as pessoas.

Potenciais pedagógicos do uso do celular nas aulas

Algumas percepções dos professores entrevistados sinalizam para o uso pedagógico do celular na escola: utilizar o celular para simulações no ensino de Física e de Matemática (citando as disciplinas apontadas pela Professora 3); utilizar o celular em atividades pedagógicas em aulas remotas; recorrer ao celular para pesquisas de diversificados temas dos componentes curriculares e uso de dicionários *online* para o conhecimento de termos gerais e conceitos científicos; utilizar o aparelho para interagir em grupos de *WhatsApp* tentando o envio de atividades das diferentes disciplinas do currículo do Ensino Médio. Vejamos as respostas emitidas pelos professores entrevistados:

“Vejo o celular como uma forte ferramenta, no que diz respeito ao ensino e aprendizagem na condução dos conteúdos, contudo, deve ser usado com cautela e ser muito bem delimitado a hora e o momento de usar” (Professor 1).

“Eu uso muito o celular para simulações dentro das minhas disciplinas (Física e





Matemática) uso também para mandar e receber atividades no período que não estamos na escola para atividades remotas” (Professor 1).

“Eu utilizo para pesquisas. Como sou professora de inglês, eles têm muita dificuldade na aprendizagem, aí eu utilizo mais para pesquisas mesmo, dicionário e online, essa é minha estratégia” (Professora 2).

“Faço um grupo com os alunos colocando as atividades lá” (Professora 3).

“Eu praticamente não uso o celular, muito difícil peço para fazer pesquisa, não vejo nenhuma vantagem nisso” (Professor 4).

“É importante que o uso do celular seja consciente em sala de aula para que eles possam reter conhecimentos, é necessário que a escola e os governantes se sensibilizem para poder passar essa informação para eles que o celular não é uma ferramenta só pra redes sociais, mas sim algo que eles podem tirar bom proveito para os estudos” (Professora 2).

O Professor 4 se mostra resistente e não acredita que o uso do aparelho celular tenha função didático-pedagógica. No entanto, faz o uso, mesmo resistindo. Percebemos em sua fala um pessimismo, um descrédito e, de certa forma, um mal-estar. Algumas palavras traduzem sua insatisfação: “difícil”, “não vejo nenhuma vantagem” e “praticamente não uso”.

Professores e professoras de todo o território nacional relatam dificuldades em utilizar dispositivos móveis de forma pedagógica, seja pela falta de formação continuada, seja pelas limitações estruturais das instituições (Ramos e Teixeira, 2020). Assim, entendemos ser fundamental que as políticas educacionais específicas sobre tecnologias educacionais incluam programas de capacitação que auxiliem os professores da Educação Básica a acessar e se familiarizar com os recursos digitais via formação continuada a ser inserida no planejamento escolar. A mediação pedagógica, portanto, não se limita ao domínio técnico, mas envolve principalmente a capacidade de orientar os alunos na construção de competências digitais para suas necessidades.

As Professoras 1, 2 e 3 creditam o celular como um recurso didático. Para elas, esse dispositivo eletrônico portátil e pessoal é importante para “reter conhecimentos” (Professora 2), colocar “as atividades lá” e “utiliza para pesquisas” (Professora 2) e “uso também para mandar e receber atividades no período que não estamos na escola para atividades remotas” (Professor 1). Ou seja, o celular caracteriza-se como “uma forte ferramenta, no que diz





respeito ao ensino e aprendizagem na condução dos conteúdos” (Professora 1).

O aparelho celular materializa-se como um recurso didático e tem assumido um papel relevante e multifacetado no campo da Educação. Por exemplo, para alunas e alunos, o celular representa uma via de acesso exclusiva a um conjunto de informações, possibilitando consultas rápidas, navegação por bibliotecas virtuais, uso de aplicativos educacionais e participação em plataformas de aprendizagem.

O celular, além de ampliar oportunidades de estudo autodirigido, pode favorecer a organização das atividades escolares e o desenvolvimento da autonomia e de competências digitais fundamentais no contexto contemporâneo. Estudos desenvolvidos por Cavalcante e Lima (2022) e por Eiras (2024) sugerem que, embora o uso de dispositivos móveis possa promover maior engajamento e aprendizagem autônoma, sua utilização sem orientação pedagógica tende a intensificar a dispersão e dificultar a gestão da sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O celular é uma materialidade cultural complexa e incorpora sentidos diversos. A pesquisa qualitativa educacional com as três professoras e o professor do Ensino Médio sobre suas percepções dos usos do celular na escola (e sala de aula) revelam dados importantes para podermos pensar o impacto que esta materialidade eletrônica ocasiona na cultura escolar.

Os resultados evidenciaram que o celular é uma realidade na dinâmica professoral desses sujeitos e, apesar das contradições percebidas nas falas dos quatro docentes, o que observamos com a pesquisa é que o celular é um dispositivo eletrônico importante e alunos e professores estão enredados em sua lógica cultural, mesmo havendo resistências.

As falas docentes deixam evidente as contradições do uso do celular: a proibição ao uso é um discurso presente na escola; há uma percepção de que os estudantes se dispersam e não conseguem aprender os conteúdos; perpassa no imaginário dos docentes entrevistados que os estudantes são irresponsáveis e não conseguem discernir quando devem parar de manipular o celular. Mas, paradoxalmente, observamos percepções que valorizam o uso: os





alunos conseguem entender que o uso do celular deve ser regrado e limitado durante sua permanência na escola; o celular pode ser usado na sala de aula de forma planejada; o celular é um recurso didático que facilita diferentes aprendizagens ao ser utilizado para realizar pesquisas de conceitos e conteúdos científicos; auxilia na comunicação discente-docente fora do espaço escolar; o celular como recurso didático para realizar simulações e criações diversificadas para o entendimento de conceitos dos diferentes objetos de conhecimento da Educação Básica, em destaque o Ensino Médio, etc.

Acreditamos que a investigação apresentada neste artigo produzirá outros questionamentos, diversificadas problematizações e releituras baseadas na cientificidade do campo da Educação de como professoras e professores da Educação Básica devam olhar o celular e seu uso no espaço escolar e também fora dele.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N.; KARAM, R. G. Nomofobia: dependência do computador, internet, redes sociais? In: ABREU, C. N. de *et al.* **Dependência de internet e de jogos eletrônicos**. Porto Alegre: Artmed, 2019.

ALBUQUERQUE, I. S.; AMORIM, S. S.; MACEDO, P. V. F. O uso do smartphone em sala de aula: vantagens e desvantagens. **Encontro Internacional de Formação de Professores e Fórum Permanente de Inovação Educacional**, [S. l.], n. 13, 2024. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/enfope/article/view/16929>. Acesso em: 24 jan. 2026.

BATISTA, E. C.; MATOS, L. A. L.; NASCIMENTO, A. B. A entrevista como técnica de investigação na pesquisa qualitativa. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.11, n.3, p.23-38, 2017.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRIZOLA, M. B.; SILVA, D. R. Q.; MARCELLO, F. de A. Reflexões sobre o uso de celulares nas escolas: uma aula presencial ou um/a aluno/a presente somente com o corpo? **OBSERVATÓRIO DE LA ECONOMÍA LATINOAMERICANA**, [S. l.], v. 22, n. 12, p. e8071, 2024. DOI: 10.55905/oelv22n12-041. Disponível em:





<https://ojs.observatoriolatinoamericano.com/ojs/index.php/olel/article/view/8071>. Acesso em: 23 jan. 2026.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAVALCANTE, M. M.; LIMA, A. C. Tecnologias digitais e aprendizagem significativa: desafios e possibilidades no uso do celular em sala de aula. **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, v. 5, n. 2, p. 34-49, 2022.

EIRAS, R. Uma proposta de uso do celular em sala de aula: uma perspectiva histórico-crítica. **Ciências Humanas e Sociais**, v.5, p. 237-250, 2024.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. In: SÁ-SILVA, J. R. (org). **Linhas de pensamento nas Pesquisas em Educação**. Curitiba: CRV, 2022.

SILVA, Ana Paula et al. Uso excessivo de tecnologias digitais e seus efeitos em adolescentes. **Revista Estudos de Psicologia**, Natal, v. 25, n. 2, p. 215-226, 2020.

LOPES, P. A.; PIMENTA, C. C. C. O uso do celular em sala de aula como ferramenta pedagógica: benefícios e desafios. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 3, n. 1, p. 52-66, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/view/229430>. Acesso em: 20 jan. 2026.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. **Lei nº 15.100/2025** (Restrição ao uso de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica), 2025.

RAMOS, D.; TEIXEIRA, A. Formação docente e integração das tecnologias digitais: desafios e perspectivas na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, v. 50, n. 177, p. 98117, 2020.

RIBEIRO, L. M.; SANTOS, A. C. **Alfabetização digital de famílias e seu impacto no ambiente escolar**. Cadernos de Pesquisa em Educação, v. 12, n. 1, p. 88-102, 2020.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v.4 n.4 (2026) - ISSN 2965-2634

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





SILVA, J. A.; MOURA, T. P. Tecnologias móveis na educação básica: desafios e possibilidades no processo de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação e Tecnologia**, v. 17, n. 2, p. 45-59, 2021.

UCHÔA, M. A. S. A preferência das crianças pelo celular em detrimento do brincar com materiais do seu cotidiano escolar: um estudo de caso no centro de Educação Infantil. Moura Brasil, Fortaleza, Ceará. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 9, n. 5, p. 410-424, 2023. DOI: 10.51891/rease.v9i5.9697. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/9697>. Acesso em: 24 jan. 2026.

Recebido em: 25/03/2026

Aprovado em: 12/04/2026

Publicado em: 28/04/2026

